

Ciência da Conservação ou Conservação Científica?

Hipóteses para uma reflexão.

Dra. Yacy-Ara Froner

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procurá-las, identificá-las, classificá-las, conservá-las, restaurá-las, exibi-las, comprá-las, vendê-las; ou, então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e se transmite, se reconhece e se usufrui.

ARGAN. História da arte como história da cidade, 1995: 13.

Ao participar de um encontro sobre “Princípios Científicos da Conservação de Acervos Documentais” somos inclinados a acreditar que estes princípios encontram-se apoiados apenas nas Ciências Exatas e Biológicas, a partir de pesquisas específicas conduzidas por químico-restauradores, físico-restauradores, biólogos e demais cientistas que tratam especificamente dos princípios da degradação das estruturas materiais de obras e de documentos. Desse modo, esquecemos que lado a lado às pesquisas circunscritas à Ciência da Conservação relacionadas aos campos de saber anunciados, torna-se importante em igual medida compreender os princípios filosóficos historicamente situados que conduzem as ações preservacionistas.

Quando falamos de uma política de preservação, estamos colocando no centro do debate as decisões tomadas por pessoas e instituições: são estas decisões que determinam quais são os bens materiais culturais que devem ser preservados ou não, a quem interessa estes bens, qual o sentido deles para a cultura ou a história. Esta é a diferença básica entre a existência física da cultura material e o sistema que confere valor cultural às coisas que têm existência física.

Por outro lado, uma outra questão de fundo deve ser anunciada: a Ciência da Conservação deve ser vista como um campo de saber específico ou um procedimento técnico assessorado por outras áreas de saber? A história da Ciência da Conservação pode contribuir à formulação de paradigmas, conceitos e critérios que justifiquem a primeira hipótese. Para tanto, um químico-restaurador, Giorgio Torraca, adverte quanto às atitudes de cientistas quando chamados para atuar dentro da Ciência da Conservação: por considerá-la um *domínio subdesenvolvido* do ponto de vista científico estes cientistas nem sempre consideram as especificidades que envolvem um bem cultural; *en conséquence, ils sont tentés de transférer directement à la conservation idées préconçues, équipement et procédés venus de leur champ antérieur de spécialisation. C'est seulement après quelques expériences malheureuses qu'ils apprennent que le problème n'est pas si simple; la terre de la conservation est pleine de pièges, et les indigènes sont fréquemment hostiles* (TORRACA, apud BERDUCOU: 1990: 14).

Partindo dessas orientações, esta comunicação apresenta-se como uma proposta epistemológica: determinar a nomenclatura da disciplina da Conservação e Restauo na

categoria de Ciência – a Ciência da Conservação –, procurando não restringi-la apenas à atividade técnica, mas percebê-la enquanto um saber constituído, resultante de paradigmas, de reflexões e do desenvolvimento histórico, reunindo assim todas as premissas necessárias à categoria científica¹.

De acordo com Thomas Kuhn (1970:10), uma Ciência seria uma estrutura formada por paradigmas específicos, sendo definido o paradigma como um sistema aceito da prática científica, incluindo leis, teorias, aplicações e instrumentos, os quais providenciariam um modelo para uma determinada tradição de pesquisa, coerente com seu objeto de estudo. Assim, qualquer campo do conhecimento que se pretendesse científico deveria ser um corpo modelado por esses paradigmas reconhecidos internacionalmente, os quais poderiam ser qualificados e avaliados a partir da existência de uma comunidade científica dotada de estruturas comuns – publicações internacionais, associações, academias – que dariam suporte à divulgação dos esquemas interpretativos, pesquisas e teorias formuladas em torno do conhecimento específico. A Ciência da Conservação, ao dispor de métodos, critérios, teorias e, acima de tudo, de uma comunidade científica preocupada tanto com a prática quanto com a teoria, estaria circunscrita nesse conceito específico.

Ao traçar a história da Ciência da Conservação, percebe-se que não há referências precisas relacionadas aos seus primórdios. Quando um ceramista grego refazia a alça de uma ânfora partida ou mesmo quando um monge retocava iluminuras medievais, a prática da restauração encontrava-se presente. Contudo, podemos conceber que a atuação desses profissionais tornou-se mais especializada à medida que grandes coleções privadas e públicas foram sendo formadas, tornando-se mais extensivas e organizadas e constituindo-se enquanto um patrimônio financeiro, fatores determinantes na contratação de pessoal capacitado para a manutenção desses acervos.

A partir do século XIX, quando as grandes coleções públicas – museus e bibliotecas – são formadas, os profissionais dessa área se vêem confrontados com uma nova responsabilidade perante os acervos. Nesse momento, a linha limítrofe que separava a criatividade do artista e a atitude do restaurador começa ser mais bem demarcada: o respeito estético e com relação à originalidade da obra passa a ser uma bandeira de muitos agentes que trabalham com cultura material. *It was then that progress began in the restorer's practice as a craftsman. This remained, nonetheless, quite empirical, for no-one but the restorer knew the nature of the precious material which had to be conserved without losing the attraction of its appearance* (COREMANS, Paul. 1969: 10). A proliferação de museus públicos, baseados no modelo Francês, e sua administração por especialistas determinaram uma nova postura dos restauradores em relação a essas coleções.

¹ A definição desta hipótese é apresentada em minha tese de doutorado defendida em 2001 na FFLCH-USP, intitulada “Os Domínios da memória”.

Quando as Ciências Naturais, particularmente a Física e a Química, passam a fazer parte do *corpus* do conhecimento necessário à manipulação da matéria, critérios científicos provenientes dessas disciplinas tornam-se fundamentais para a compreensão da natureza e da estrutura dos artefatos antigos, obras de arte e documentos, transformando significativamente o comportamento dos restauradores. Um dos primeiros laboratórios de restauração, aberto no *Staatliche Museum* de Berlim, apresenta seus primeiros registros em 1888 e dedica suas atividades, prioritariamente, aos acervos arqueológicos. Em 1849, John Ruskin afirma: *works of art do provide, in varying degrees, valuable information on technique, materials, stylistic development, aspects of social, political, or personal (the maker's and/or the owner's) history. They should still be considered, first and foremost, however, in relation to their original intention as work of art. Alois Riegl terms the aesthetic significance of a work of art its artistic value and the documentary importance its historical value* (RUSKIN, 1996: 42).

As atividades de restauração intensificaram-se na Europa após o período da Revolução Francesa, das Guerras Napoleônicas e demais conflitos relacionados à construção do Estado Moderno, devido ao vandalismo, à prática do espólio de guerra e aos traslados abruptos. A segunda metade do século XIX concebe duas vertentes antagônicas em relação à prática da restauração: de um lado encontramos Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc e de outro Willian Morris e John Ruskin. Viollet-le-Duc, considerado um dos arquitetos-restauradores responsáveis pela reconstrução de muitos monumentos, acredita que a restauração como imitação e reconstrução “no estilo do original” é permissível e utiliza como parâmetro padrões estéticos firmemente estabelecidos. *This group believed that by studying the monuments of the past, especially the great Gothic cathedrals, and with meticulously accurate and detailed documentation of the characteristics of style as well as of details of building and the methods of constructions, they could make possible complete and accurate rebuilding of entire parts or phases of these buildings* (VACCARO, 1996: 308).

O grupo oponente, encabeçado por Willian Morris e John Ruskin, escreveu em agosto de 1877 um manifesto anti-restauração – *Manifesto of Society for the Protecting of Ancient Buildings: no doubt within the last fifty years a new interest, almost like another sense, has arisen in these ancient monuments of art; and they have become the subject of one of the most interesting studies, and of an enthusiasm, religious, historical, artistic, which is one of the undoubted gains of our time, yet we think that if the present treatment of them be continued, our descendants will find them useless for study and chilling to enthusiasm. We think that those last fifty years of knowledge and attention have done more for their destruction than all the foregoing centuries of revolution, violence and contempt* (MORRIS, 1996: 319-322). Avessos à postura de Viollet le-Duc, consideravam que as complementações estruturais e as construções adjacentes destruíam o espírito original dos edifícios antigos. Esta postura alimentou a corrente posterior, os *puristas*, que teve como precursor Camile Boito.

Os conceitos expostos por Riegl no texto *The Modern Cult of Monuments: Its Essence and Its Development*, escrito em 1903, apesar de circunscritos na esfera da História e da Filosofia da Arte, foram utilizados como base para a prática da profissão, uma vez que é nesse primeiro texto que o respeito ao original e os critérios de seleção a partir da noção de valor são anunciados. O texto de Riegl – além das obras de Bereson, Panofsky, Wöllflin, Gombrich – alerta para a indispensabilidade do conservador/restaurador conhecer a História para evitar erros, excessos e ações que danifiquem a qualidade estética ou documental dos bens culturais móveis e imóveis.

A percepção de Riegl em relação ao *valor de época* proporciona, porém, uma visão equivocada: a prática de introduzir vernizes pigmentados ou substâncias como betume, ceras e lacas com o intuito de proporcionar uma aparência envelhecida ao objeto, comum nos antiquários, intenciona, muitas vezes, proporcionar uma “aura” do passado ou o engodo em relação à sua antigüidade. *Os antiquários têm sido vistos tradicionalmente como as ovelhas negras na família da ciência histórica. Eles têm sido associados, particularmente na primeira parte do período ao qual me refiro, às concepções errôneas, erros e, efetivamente, falsificações. Tudo isso significa que eles têm permanecido um tanto oblíquos à lei histórica. Mas uma tal posição pode significar que eles têm muito a nos dizer sobre o lado da história, que não é o da tábua entalhada mas, ao contrário, o do seio descoberto* (BANN: 1994: 140-142). A visão do passado como algo atraente por si só estabelece um relação que fez com que Stephen Bann cruzasse a percepção de Riegl com a de Nietzsche da apropriação do passado (e de suas marcas) a partir da perspectiva do relacionamento social com seus vestígios e do valor que adquiriam em si – as complexas atitudes mentais do homem em relação ao passado cristalizada no culto de seus testemunhos –, o que Riegl chamou de “percepção sensorial” e Nietzsche de “um ar bolorento”.

O conhecimento das bases históricas e conceituais sob as quais os homens se posicionaram e se posicionam em relação aos bens culturais é extremamente importante: coletar, colecionar, expor, estudar, possuir e ver são atitudes que implicam na manutenção ou não das condições materiais do objeto, ao mesmo tempo em que reproduzem as noções de valor e de significado desses bens. *It is perhaps for this reason that in several European countries, responsibility for the care and restoration of artistic and historical objects to be handed down to future generations is entrusted to the historian (including the archaeologists, the historian of art or architecture, the anthropologist) and not to the conservator. (...) Change and reuse are processes associated with time and with the concept of value; thus an object that survives from the past and comes down to the present, and that escapes the laws of destruction and annihilation, must always have had a demonstrable value. Various times, fashion, and cultural climates are reflected in it, have taken possession of it to reexperience and reexamine it, have*

transformed either its appearance or its significance, and have changed it. But in so doing, they also have ensured the object's survival for future generations (VACCARO, 1996: 202-3).

Provavelmente as bases da conservação moderna foram lançadas quando, em 1930, o Escritório Internacional de Museus da Liga das Nações chamou o primeiro encontro internacional para tratar dos princípios científicos da restauração: *in October 1930 nearly two hundred museum directors, art historians, and scientists gathered in Rome for a unique international conference. Held under the auspices of the International Museums Office of the League of Nations, the conference had as its stated purpose the study of scientific methods for the examination and preservation of works of art. At the end of five days, conference participants confirmed the utility of laboratory research as an aid to the study of the history of art and museography. Science in the service of art was recognized and modern conservation was born* (LEVIN, 1991: 1). Pela primeira vez utiliza-se a expressão “método científico” com respeito ao ofício da restauração. Arquitetos restauradores, baseados nos escritos de Boito e Riegl, estruturaram o pensamento das décadas de trinta e quarenta, como Gustavo Giovannoni com seus escritos: *Enciclopédia italiana di scienza* (1931), *Il restauro dei monumenti* (1945).

Logo após o encontro, ocorreu o *Primeiro Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos*. Nesse congresso foi formalizado o primeiro documento de caráter internacional que concebia o patrimônio cultural como algo de existência histórica e social ampla. O conceito de bem cultural se expande para além das fronteiras nacionais que viam na sua preservação a manutenção de uma identidade própria ao adquirir uma dimensão de valor universal; de acordo com Carbonara (1996: 242), o trabalho de Gustavo Giovannoni inspirou diretamente a *Carta de Atenas* (1931), documento resultante desse encontro que formalizou algumas diretrizes reproduzidas nos documentos atuais. Seu significado enquanto marco do conceito moderno de patrimônio cultural determinou a construção da noção de patrimônio mundial. A formalização do documento apresenta princípios concernentes à restauração/conservação de sítios e monumentos, e por isso também foi chamada de *Carta del Restauro*.

Apesar dessas orientações e do intercâmbio entre vários profissionais, principalmente arqueólogos e arquitetos, as décadas de trinta e quarenta foram marcadas por uma onda crescente de conflitos resultantes do fascismo que se desenvolveu na Europa: entre a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Grande Guerra, pouco ou quase nada foi possível de ser construído nos termos do diálogo internacional proposto pelo encontro de 1930 ou pelo documento de 1931. Porém, o *Escritório Internacional de Museus* contribuiu para a fundação em 1939 do *Instituto Central de Restauro*, em Roma, antes da eclosão do segundo conflito. Cesare Brandi, seu fundador e diretor, publica em 1963 sua tese *Teoria del restauro*, influenciada pela obra de Benedetto Croce, constituindo-se um marco da restauração moderna: *Brandis's teoria is inspired by the idealist philosophy of Benedetto Croce; from historicism it derived a*

fundamental concept that remains fully valid: the relative, partial, and transient character of any restoration, even the most skillful, as it is always marked by the cultural climate in which it is carried out (VACCARO, 1996: 207).

O belga Paul Philippot e o italiano Cesare Brandi, juntos, fundaram as bases teóricas do ICCROM (1956), influenciando toda uma geração a partir dos programas de treinamento e das atividades de cooperação estabelecidas pelo Instituto. Ambos foram consultores da UNESCO e contribuíram de forma intensa na construção das cartas, tratados e documentos forjados nas convenções. As décadas de cinquenta e sessenta foram inspiradas significativamente pela teoria desses cientistas, ancorada tanto nas Ciências Humanas quanto nas Ciências Exatas.

A corrente seguinte, portanto, pode ser denominada de historicista: *if a work of art is the result of human activity and, as such, its appreciations do not depend on fluctuations in taste or fashions, its historical significance has priority over its aesthetic value. Since the work of art is a historical monument, we must consider it as such from the extreme point when the formal arrangement that shaped matter into a work of art has almost vanished, and the monument is reduced to little more than a residue of the material that made it up. We must examine the ways we can conserve a ruin* (BRANDI, 1996: 233).

Restauração como um ato crítico e restauração como um ato criativo são duas formas conceituais de abordar a Ciência da Conservação. Renato Bonelli elaborou uma série de textos visando questionar a linha teórica proposta por Brandi (*Il fondamento teorico del restauro*, Bolletino dell' ICR: 1950) a partir das próprias limitações concernentes a ela, sem no entanto deixar de considerar a validade dessa mesma teoria em relação à operacionalidade metodológica proposta: análises cuidadosas são apresentadas na teoria proposta por Brandi, mais próximas de sua condição *filológica* do que científica. *Bonelli's criticism of philologism is stinging: the idea of attributing the character of authentic testimony of a historical past to a monument or a building is no longer current. First of all, this is equivalent to working on an arbitrary section in the real unity of the work, trying to select elements that can not be isolated... the philological criterion requiring that structural bodies must be authentic in order to obtain reliable information from them, is a point of view that marks a certain era and culture, one imbued by positivism that witnessed the birth of scientific theories of restoration and that is by now obsolete* (CARBONARA, 1996: 239). A qualidade de testemunho não é o único valor atribuído a um monumento, e esta é a grande divergência de Bonelli em relação a Brandi.

As controvérsias que se estabelecem – conservação ou intervenção; abordagem histórica ou estética; ato científico ou criativo – alimentam toda uma série de debates, principalmente após o fim do legado idealista de Croce na formação do pensamento intelectual italiano. A década de setenta sofreu com o impacto da aceleração do processo de expansão industrial e crescimento descontrolado dos grandes centros urbanos, impondo aos cientistas sociais, historiadores da arte, arquitetos e urbanistas, além dos conservadores, a necessidade de formular

propostas que acompanhassem essas mudanças bruscas. Nesse período, a Europa se preocupa com as mudanças do cenário urbano e as proporções dessas transformações em relação ao milenar patrimônio de suas cidades. As décadas de setenta e oitenta são marcadas pela elaboração de documentos, tanto da comunidade europeia quanto por parte do ICOMOS, concernentes aos cuidados para com o patrimônio arquitetônico, incluindo estruturas arqueológicas e monumentos históricos, a partir de noções que deixam de perceber esses bens culturais como entidades isoladas, mas como estruturas se relacionam e fazem parte de uma intrincada rede social e urbana.

O edifício deixa de ser pensado como o depositário dos bens culturais e passa a adquirir uma condição indispensável de reciprocidade com os acervos que contém. Instituições alojadas em prédios antigos ou construções recentes são, em última instância, o ambiente no qual as coleções encontram-se instaladas. A década de oitenta será marcada pelas teorias de Garry Thomson, estruturadas a partir de uma série de artigos que introduzem os princípios do controle climático em museus, arquivos e bibliotecas e que culminaram com a obra *The Museum Environment* (1982). *En fait, le concept n'est pas vraiment nouveau. Il était dans l'air depuis longtemps, très longtemps. Déjà au 19ème siècle, Adolphe Napoleón Didron, écrivait: conserver le plus possible, réparer le moins possible, ne restaurer à aucun prix, laissant entendre qu'il fallait intervenir le moins possible sur l'objet pour assurer l'authenticité de son message* (GUICHEN, 1995: 5).

Garry Thomson coloca pela primeira vez de maneira sistemática os problemas referentes à climatização em museus, demonstrando a importância do controle da luz, da temperatura e da umidade incidente sobre as coleções. Um mau restaurador pode destruir uma obra, um mau conservador pode destruir uma coleção inteira, afirma Thomson (apud GUICHEN, 1995: 5).

As duas últimas décadas do século vinte são marcadas por várias discussões que fazem com que o restaurador/conservador seja obrigado a especializar-se cada vez mais. Já não é mais possível dominar todas as matérias – metal, pintura, cerâmica, papel, pedra –, nem lutar em todas as frentes de batalha – escavações, museus históricos, arquivos, pinacotecas – ou dominar todas as linhas de investigação – dos laboratórios à construção epistemológica da disciplina: os problemas de apresentação estética ainda são discutidos, problemas como reintegração de perdas ou lacunas e tratamento de pátinas, vernizes e velaturas aparecem nos trabalhos de Albert e Paul Philippot (1959) e Brandi (1963); Paolo e Laura Mora (1984). Questões relativas à Química e à Física encontram voz em Giorgio Torraca (1982) e Paul Coremans (1961); a construção teórica da disciplina aparece na obra exemplar editada por Nicholas Stanley Price, M. Kirby Talles Jr. e Alessandra Melucco Vaccaro (1996) e nos artigos de Frank Matero (2000).

Com o objetivo de mudar a atitude dos profissionais perante as coleções, foram realizados em 1992 – UNESCO/ARAAFU – e em 1994 – IIC – dois congressos que discutiram a disciplina da Conservação Preventiva. Antes disso, em 1991, o Programa Nacional de Salvaguarda de Coleções dos Países Baixos, apresentou um modelo de atuação de Conservação Preventiva, que serviu de referencial aos outros países, surtindo efeito imediato em organizações como PREMA – *Prévention dans les Musées Africains* –, que reúne 32 países há mais de 14 anos. Em 1994, com a criação de um diploma de estudos especializados em conservação preventiva na Universidade de Paris, ainda que o curso se abra a especialistas de várias áreas de conhecimento – arquitetos, restauradores, historiadores, engenheiros, curadores, arqueólogos, arquivistas –, a disciplina passou a ser mais bem embasada e difundida.

Múltiplas são as preocupações da conservação preventiva, considerando que os elementos degeneradores da matéria atuam de forma associada e estão longe de ser completamente controlados. Cada vez mais, a Química, a Física e a Engenharia atuam como disciplinas especializadas na conservação de bens culturais, abrindo um leque de possibilidades diante da interdisciplinaridade. Várias são as origens dos danos em obras de arte, como também os métodos de controle pertinentes. Porém, é o reconhecimento de que a conservação preventiva é fundamental, tanto na ação de restauradores, quanto de instituições que abrigam acervos, que tem levado muitos organismos formadores de profissionais a investir nessa área de conhecimento.

Na década de oitenta, Geogio Torraca publica um trabalho intitulado *Química aplicada à Restauração*, em que os compostos químicos, grupos funcionais, compostos nitrogênicos, polaridade, atração entre moléculas, classificação das interações, materiais protéicos e sintéticos são analisados a partir da prática ou do uso na restauração. A tabela de solventes químicos de Liliane Marschelein Kleiner e o método de limpeza aquosa de Richard Wolbers são difundidos e utilizados na prática do dia a dia.

Um cientista da área exata que decide entrar no campo da conservação é normalmente confrontado com uma realidade totalmente diversa da que advém: a literatura comparada é difícil de acessar e quando encontrada, nem sempre responde aos modelos oficiais – poucos dados, nenhuma estatística, nem modelos computadorizados ou proporções fixas. *On the other hand, the scientist is strongly attracted by the domain of conservation. This is partly because the objects to be preserved are fascinating in themselves and partly because, in multivariable processes that govern deterioration and conservation, the hits for new schemes in a short time by application of the most standard concepts of his normal branch of activity* (TORRACA, 1996: 441).

Desde a fundação do ICCROM (1956), a Itália manteve-se como o grande centro formador de recursos humanos e de teorias relacionadas à prática da conservação e da restauração. Contudo, Cesare Brandi, Paul Philippot, Harol Plenderleith, Sir Bernard Fielden,

Cevat Ender, Andrzej Tomaszewsky, Marc Laenen, Gael de Guichen, não representam apenas a metodologia italiana de lidar com a estruturação da Ciência da Conservação e Restauo, mas uma construção baseada em um pensamento intelectual forjado sobre bases científicas que, como em qualquer campo do saber, não são restritas apenas ao seu espaço social.

O encontro de 1930, mencionado anteriormente, introduziu o debate no meio científico e acadêmico, mas só teve continuidade – no âmbito internacional – após a Segunda Guerra: centros internacionais como o ICOM, IIC, ICCROM, IRPA elaboraram encontros e seminários específicos para difundir, questionar e estruturar um conhecimento científico de bases exatas estritamente voltado para a Ciência da Conservação. A introdução de métodos científicos de exame e critérios preservacionistas baseados na compreensão e controle do ambiente – utilizando conhecimentos da Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica, além de recursos da Meteorologia e da Biologia – fez com que a prática da restauração se deslocasse de oficinas particulares e até mesmo de ateliês localizados nos prédios dos Museus para laboratórios específicos, construídos em Centros de Estudo e Universidades.

Os cursos de treinamento e de formação de pessoal capacitado para exercer a função de conservador/restaurador têm sedimentado a valorização de técnicos e especialistas, ao invés daquela visão romântica do *autodidata*, dotado de habilidades artísticas, que por amor à arte *consertava* os objetos e *limpava* as imagens antigas. Até mesmo Jair Inácio – um dos mais antigos restauradores do Brasil –, que iniciou sua carreira como autodidata em Ouro Preto, procurou fazer um estágio no IRPA – *Institute Royal du Patrimoine Artistique*, em Bruxelas.

As práticas amadoras de arqueólogos, restauradores/conservadores, bibliotecários, arquivistas e museólogos, ao invés de contribuir para a preservação da cultura material, podem acarretar lacunas irreparáveis, destruindo, dilapidando e apagando vestígios importantes do passado. Em função dessas práticas inadequadas, as associações internacionais representantes dessas profissões – principalmente ICOM, ICCROM e ICOMOS – têm procurado incentivar sua formação através de cursos profissionalizantes.

Contudo, a carência de cursos formadores em vários níveis – técnico, especialista, graduado e pós-graduado – impõe, de uma maneira geral, a concentração de esforços na qualificação dos profissionais que atuam institucionalmente – em museus, casas históricas, arquivos e bibliotecas – por meio de cursos de curta duração, cuja característica básica é o direcionamento e a instrumentalização básica desses profissionais.

Manuais específicos disponibilizados na internet, principalmente relacionados à conservação preventiva em Bibliotecas e Arquivos, como o *CBPA* organizado por Ingrid Beck e divulgado no Brasil em cooperação com o *CLIR*, Conselho de Recursos em Biblioteconomia e Informação; ou *reCollections*, direcionado às coleções de museus, publicado pelo Conselho de Coleções Patrimoniais da Austrália, têm por objetivo atingir efetivamente profissionais sem uma formação específica, mas que atuam diretamente nas coleções, instruindo-os e

introduzindo-os aos conceitos já sedimentados na área. Cursos de formação à distância, manuais divulgados na rede, todos esses esforços na multiplicação de agentes formadores e atuantes na preservação são extremamente importantes, pois limitam cada vez mais as práticas inadequadas.

No entanto, reconhecimento profissional e critérios de carreira em instituições públicas e privadas perpassam pela formação direcionada. No Brasil, vários esforços têm sido feitos no sentido de definir a profissão e formar pessoal habilitado a exercê-la, principalmente por meio de organismos de classe, como a ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores – e o CECOR – Centro de Conservação e Restauração da UFMG.

O Boletim da ABRACOR de 1985 – denominado *Seminário: Formação e Treinamento Profissional para a Preservação de Bens Culturais* – formalizou as questões já discutidas pela categoria. As universidades federais do Rio de Janeiro e da Bahia foram pioneiras na inauguração de disciplinas de conservação e restauro. Na década de cinquenta, o Prof. Edson Motta introduz as disciplinas de restauração de pintura de cavaletes e de papel na Escola de Belas Artes da UFRJ e o Prof. João José Rescala, no mesmo período, a disciplina de restauração de pinturas dentro do curso de graduação em Belas Artes na UFBA.

O Centro de Conservação e Restauração da UFMG mantém, desde 1979, inicialmente sob a coordenação e direção da Profa. Beatriz Vasconcellos Coelho, cursos de restauração de pintura de cavalete e escultura policromada, sendo o primeiro curso de restauro reconhecido pelo MEC enquanto curso de especialização. Atualmente o Departamento de Artes Plásticas da UFMG mantém um curso de mestrado na área, cujo coordenador, Prof. Dr. Luiz Souza, é químico-restaurador com projeção e reconhecimento internacionais. A importância do CECOR é tão extensa, que nele são oferecidos cursos associados com grandes organismos internacionais – ICCROM, ICOM, *The Getty Conservation Institute*, *Smithsonian Foundation* –, envolvendo aspectos da conservação preventiva e da ação interventiva apoiada em bases científicas.

Os avanços alcançados por meio desses cursos são inúmeros, porém, o não reconhecimento profissional contrapõe-se às exigências de uma formação tão específica. Profissionais não qualificados e sem nenhuma formação continuam no mercado, atuando, muitas vezes, de maneira inadequada. Cabe lembrar que uma intervenção de restauro indevida não é percebida imediatamente; somente quando seus efeitos daninhos tornam-se visíveis é que as ações desenvolvidas sem critérios são notadas. Ainda que muitos profissionais autodidatas atuem de maneira consciente e correta, a regulamentação da profissão significaria, na prática, uma peneira seletiva nesse mercado de trabalho.

Dentre os inúmeros caminhos percorridos pela formação de profissionais voltados à preservação dos acervos, atualmente, a conservação preventiva tem significado uma mudança profunda de mentalidade. Conservação, restauração e preservação, ainda hoje, são termos que se cruzam e se sobrepõem.

Hoje, percebemos que não basta resgatar, investigar, expor e até mesmo restaurar sem uma política preventiva anterior a estas operações, uma vez que a deterioração de acervos em reservas, arquivos e exposições evidenciam a falta dessa política na própria degradação das coleções. Operações mais drásticas nas intervenções de restauro e, até mesmo, a perda material desses documentos é o preço que se paga pelo não investimento na área de conservação preventiva: antes de ser uma área de conhecimento técnico, torna-se um compromisso ético das instituições. Por sua vez, a área de conservação e restauro tem priorizado a conservação preventiva em relação às técnicas de intervenção direta, como uma maneira de proteger a integridade material dos objetos. *Preservação é a utilização de todas as técnicas científicas disponíveis para assegurar a manutenção dos artefatos, coleções artísticas e históricas, de acordo com os critérios que buscam as melhores condições para um acondicionamento adequado* (XVIII Congresso Anual da ABPC, 1988: 1).

Se, em um primeiro momento a ação da conservação preventiva implica em certos custos, a longo prazo resulta em economia quantitativa e qualitativa, uma vez que preserva a integridade material dos artefatos, possibilitando estudos mais acurados, ao mesmo tempo em que descarta métodos de intervenção mais agressivos e caros. Por sua vez, os critérios da conservação preventiva têm sofrido uma série de ajustes, em função das especificidades dos materiais existentes nos bens patrimoniais, móveis e imóveis, e das áreas nas quais estes objetos encontram-se lotados. Assim, os critérios adotados em países de clima tropical não devem ser os mesmos daqueles adotados em clima temperado: a realidade é distinta; os parâmetros são distintos; os mecanismos são distintos, portanto, a maneira de controlar cada contexto também é diferente.

Nas últimas décadas, a Ciência da Conservação forjou suas bases de conhecimento metodológico e epistemológico baseada em noções advindas de outras áreas de conhecimento; mais do que nenhum outro campo é uma ciência que se alimenta das descobertas e procedimentos de outras áreas, ao mesmo tempo em que elabora teorias e métodos aplicáveis apenas na sua prática. No entanto, mais do que nunca, não são apenas as práticas de laboratório que ditam seus caminhos: se pretende conhecer-se e reconhecer-se como ciência, demanda compreender sua construção epistemológica tanto quanto suas operações estruturais. *Conservation as an intellectual pursuit is predicated on the belief that knowledge, memory, and experience are tied to cultural constructs, especially to material culture. Conservation -- whether of a painting, building, or landscape -- helps extending these places and things into the present and establishes a form of mediation critical to the interpretative process that reinforces these aspects of human existence. The objectives of conservation also involve evaluating and interpreting cultural heritage for its preservation, safeguarding it now and for the future. In this respect, conservation itself is a way of extending and solidifying cultural identities and*

historical narratives over time, through the valorization and interpretation of cultural heritage
(MATERO, 2000: s.p.).

O trabalho científico da preservação não pode ser conduzido em um vazio político. As decisões concernentes à dotação de recursos e à conservação das propriedades culturais implicam em considerações políticas. Um maior apoio político para a conservação e a preservação de bens culturais dependerá de uma maior consciência pública de sua necessidade. As ações internacionais, respaldadas em conceitos, critérios, parâmetros e métodos de lidar com o patrimônio cultural, impõem uma nova postura àqueles que trabalham com os bens culturais e com a própria noção de cultura. Compreender a abrangência dessas questões torna-se imprescindível tanto à construção epistemológica da disciplina, quanto à percepção da efetiva ação social da Ciência da Conservação enquanto área responsável pela preservação das fontes documentais e culturais representativas da diversidade, da heterogenia, da alteridade e do multiculturalismo.

Bibliografia

1. ARGAN, Giulio Carlo. A história da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
2. ARGAN, Giulio Carlo. Arte e crítica de arte. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
3. BANN, Stephen. As invenções da História. São Paulo: UNESP, 1994.
4. BAZIN, Germain. El tiempo de los museos. Madrid: Daimon, 1969. 299p. il.
5. BAZIN, Germain. História da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 545p.
6. BENJAMIN, Walter. Magia/Técnica; Arte/Política. São Paulo: Brasiliense, 1985 (1ª ed.); 1987 (2ª ed.).
7. BERDUCOU, M.C.(org). La conservation en archéologie. Masson: Paris, 1990.
8. BOUCHENAKI, Mounir. *International Conservation Organizations*. The GCI Newsletter, Volume 14, Number 1, Spring 1999, s.p..
9. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974, 361p.
10. BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Rio de Janeiro: Papyrus, 1996, 230p.
11. BRANDI, Cesare. *Theory of Restoration*. In: Historical and Philosophical Issues In the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996. p230-5; 330-342; 377-393.
12. CARBONARA, Giovanni. *The integration of the image: problems in the restoration of monuments*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 236-243.
13. COREMANS, Paul. *La recherche scientifique et la restauration des tableaux*. Bélgica: Boletim do IRPA 4, 1961, 109-115.
14. COREMANS, Paul. *Organización de un servicio nacional de preservación de los bienes culturales*. In: Boletim da UNESCO, Paris. 1969.
15. GONÇALVES, José Reginaldo. *Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais*. In: Estudos Históricos, V.1-N.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988, 267-275
16. GUICHEN, Gael de. *Museus: adequados para abrigar coleções?* São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980. 16p.
17. GUICHEN, Gael de. *Scientists and the preservation of Cultural Heritage* (original em francês cedido pelo CECOR), 1995.
18. GUTIERREZ, Ramon. *História, memória e comunidade*. In: O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: SMC/DPH, 1992, 121-128.
19. KUHN, Thomaz. A estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 1970.
20. LEVIN, Jeffrey. *The Future of Conservation*. The GCI Newsletter, Volume 6, Number 1, Fall 1999, s.p..
21. MATERO, Frank. *Ethics and Policy in Conservation*. The GCI Newsletter, Volume 15, Number 1, Spring 2000, s.p.
22. MORRIS, Willian. *Manifesto of the Society for the protection of ancient buildings*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 319-321. (1ed 1887)

23. PHILIPPOT, Paul. *Historic preservation: philosophy, criteria, guidelines*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 268-274; 358-364 (1ed 1972).
24. PHILIPPOT, Paul. *Restoration from the perspective of the humanities*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 216-229.
25. RIEGL, Alois. *The modern cult of monuments: its essence and its development*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 69-83. (1ed 1903)
26. RUSKIN, John. *The Lamp of Memory*. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996, 42-43. (1ed 1849).
27. SOUZA, Luiz Antonio Cruz. *A importância da conservação preventiva*. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, v.52, p.87-93, jan.1994.
28. THOMPSON, J.M.A. The manual of curatorship: a guide to museum practice. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1992.
29. THOMSON, G. *Climate control policy*, in: ICOM, Zagreb, 1978.
30. THOMSON, G. The Museum Environment. London: Butterworths, 1982.
31. TILLEY, C. Material culture and text. Londres: Routledge, 1992.
32. VACCARO, A.L.; PRICE, N.S. & TALLEY JR, M.K.. Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage. Los Angeles: GCI, 1996.